



O WALT DISNEY DE NILOPOLIS

Consagrado mundialmente, o animador Marão trabalha em seu novo longa-metragem em **animação 2D tradicional desenhada à mão**. Misturando o realismo fantástico de Dias Gomes com o estilo coral de Robert Altman, **“O Elevador” traça um retrato surrealista, cômico e adulto do cotidiano brasileiro**. O diretor **detalha a Rodrigo Fonseca** os desafios de cronograma e orçamento da produção e **celebra o momento histórico do setor no país**, que vive seu maior auge desde 1917, **com mais de 50 longas atualmente em andamento**. Página 3

ENTREVISTA | FRANCISCO GASPAR

ATOR

‘Adoro ator que erra o texto, mas não perde a ação, a pulsação, o olho no olho’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Paraense de São Domingos do Araguaia, a região da guerrilha homônima (tema de um roteiro de sua autoria que anseia dirigir em breve), Francisco Gaspar deixou Gramado com lágrimas nos olhos com sua atuação em “Pão Doce”, um curta-metragem com CEP em Guarulhos sobre os abusos laborais cometidos nas margens de nossa CLTs. Seu personagem é o padeiro Fernando, encarado como um líder por sua equipe e visto como um quindim por sua filhinha pequena, que está aniversariando.

No dia dos parabéns da garota, ele acaba sendo forçado pelo chefe (papel de Vinícius de Oliveira) a esticar o turno um pouquinho. O pouquinho vira muito, numa escala de abusos que o diretor dessa produção, Wesley Gabriel Silva Santos, filma sob uma ótica (e uma ética) neorrealista, numa contundência social que, há muito, o nosso cinema não via. Chorou geral com ele, menos o Kikito. O deus-sol da alegria preferiu sorrir para o astro, sob a forma de um troféu. A estatueta de Melhor Ator em Curtas Nacionais de 2026 foi o reconhecimento de uma interpretação avassaladora.

Gaspar, que se reconhece como PCD auditivo (“desde 2024 uso aparelho”) e se autodenomina “um jovem de 59 quase virando 60+”, compõe Fernando na via do “brasileiro chamado esperança”. Ou seja, seu Fernando é aquele tipo que quebra o coco, mas não arreventa a sapucaia – como seu intérprete.

“Sigo estudando Interpretação até hoje, desde 1985”, conta Gaspar. “Fui reprovado em todas as escolas de Arte Dramática de São Paulo na década de 1980. Eles disseram que eu não servia pra graduação, mas esqueceram de combinar comigo pra parar. Desisti de fazer Artes Cênicas como graduação e me formei em Jornalismo, mas segui fazendo Teatro. Sigo até hoje, lindamente autodidata. Fui à guerra e sigo vivo”.

Em Gramado, compararam



Francisco Gaspar com o Kikito de Melhor Ator em curtas por sua atuação em ‘Pão Doce’, de Wesley Gabriel

Gaspar ao Grande Otelô de “Rio Zona Norte” (1957). Confira seu modo Otelô... e entenda sua grandiosidade artística... no papo a seguir:

O que Gramado trouxe de mais relevante para a sua carreira de ator no simbolismo que circunda o teu Kikito, conquistado há uma semana com “Pão Doce”? Que descobertas esse festival te proporcionou?

Francisco Gaspar - Eu tenho o Festival de Cinema de Gramado em três momentos na minha vida. A primeira vez foi em 2007, quando ganhei o Kikito de Melhor Ator em Curta Metragem pelo filme “O.D. Overdose Digital”, de Marcos De Brito. Ele é meu parceiro no cinema e já trabalhamos juntos desde 2001. Ali foi uma abertura significativa dos olhos dos produtores de elenco e diretores sobre o meu trabalho. A segunda vez foi em 2014, quando regressei ao Palácio dos Festivais com um longa, “A Estrada 47”, de Vicente Ferraz. Esse, sim, posso dizer, foi o meu mestrado em cinema, afinal, era o meu primeiro protagonista em longas. Novamente, depois de o filme vencer o festival, os olhos

e o “Ação!” voltaram pra mim com força contratual. Agora, em 2026, é a terceira vez: retorno a Gramado com esse curta, “Pão Doce”, de Wesley Gabriel Silva Santos, e, mais uma vez, sou eleito o Melhor Ator da competitiva de curtas. Felicidade não comporta tudo que sentimos quando somos reconhecidos pela força do nosso trabalho. Acho que plenitude me agrada mais. O que eu disse no meu discurso de recebimento do troféu é o que nós, atores e atrizes, sentimos: o reconhecimento de que o nosso trabalho comunica e toca as pessoas.

Que recheio afetivo há na massa do teu “Pão Doce”?

Sobre o recheio afetivo, a questão era exatamente: como gritar sem som, como emocionar sem choro de novela, como fisgar um público por aquilo que dói em quase todos nós? A ideia era emocionar olhando e sentindo com o olho, com o choro engolido, com a violência concentrada entre a boca, o nariz e os olhos. Eu sou um ator que diz muito com o olhar. Não fui eu quem formulou essa frase, eu a ouvi durante todo o processo de criação de “Estrada 47” e também após estreitar. Eu acredito muito nessa frase, tanto que eu a pratico, eu a alimento. Alimentar

é criar significados, reler o amor, desconfigurar clichês, rasgar e jogar fora vícios que ao longo da vida vemos e praticamos. Eu gosto de ser e de viver o que me presentiam, sabe? E, no papel de Fernando, de “Pão Doce”, trabalhei com o sapo entalado na garganta que todo dia o brasileiro tem de engolir pra não perder o emprego. E eu sou “brasileiramente lindo”, como dizia Belchior.

O que essa sua doçura revela sobre os Brasis ali representados

A minha doçura no papel do Fernando é a dor de não poder gritar. Minha tarefa como artista é transformar aquela dor em poesia. Sou discípulo de Cartola. Em todas as dores, tento fazer poesia, mesmo sabendo que não chegarei nem a 1% do que o mestre sambista fazia. Nem a 1% do Grande Otelô, que sempre foi meu rei, um ator absolutamente genial, nível Beethoven.

Qual é o horizonte profissional que atores como você, avesso às badalações formulaicas do ofício, encaram?

Não gosto de fórmulas e formas de fazer um trabalho, seja ele qual

for. Já tentei fazer e não me dei bem, deu tudo errado. Sou um ator que precisa de tempo pra criar. Sou do teatro, da busca, do estudo, da pesquisa. Digo isso porque eu detesto quando vejo um ator enformado, apenas dizendo o texto como tá escrito no roteiro ou na peça de teatro. Adoro ator que erra o texto, mas não perde a ação, a pulsação, o olho no olho. É importantíssimo texto decorado, mas, ele por si só é apenas um papagaio falando. Gosto de imperfeições. Cinema e teatro são jogos. O jogo é o jogo.

Como você define sua carreira hoje? Em que momento da tua vida você parou e disse: “Agora eu virei ator mesmo. Sou profissional”?

Sobre minha carreira, hoje eu sei o que quero dizer e, mais ainda, sei o que não quero... isso tanto no teatro quanto no cinema. Precisamos de dinheiro, mas dizer o que queremos é mais sensacional. Quando casamos os dois, aí o ofício se completa da forma que sonhamos. Profissional eu me sinto há mais de 20 anos, mas, sobre “me sentir ator de verdade”, eu quero sempre seguir com essa dúvida. Não na realização de um trabalho, mas na inquietação mesmo, ao deitar a cabeça no travesseiro. Na real, em “A Estrada 47”, senti que ali era ser ou não ser. Ali se consolidou, no processo de criação e de filmagem, quatro anos antes da estreia, que foi em 2015.

Qual foi o momento mais tocante da filmagem do “Pão Doce”?

Um plano de Fernando ouvindo o patrão dizer coisas que ele não queria ouvir, humilhá-lo. Ali é o ápice do personagem. Ali é o momento seguinte, quando ele volta a trabalhar e a filha o chama, incessantemente, para ir embora. Ali foi muito doído. Ali eu percebi um ponto que tocava muitíssimo o diretor, ali o vi chorar. Ali, ele sentia a dor do Fernando. Foi catártico.

Quais são os seus planos profissionais para os próximos meses?

Tenho mais ou menos 54386574849920 projetos pra realizar em teatro, cinema e escrita. Em 2027, desejo realizar um monólogo sobre Trótski, que um amigo está escrevendo. Pretendo finalizar meu roteiro de longa sobre a Guerrilha do Araguaia e filmarei um curta que escrevi com uma amiga de Alagoas inspirado em “Um Dia Muito Especial”, do mestre italiano Ettore Scola. Esse curta é a menina dos olhos em que vamos colocar colírio no ano que vem. Há um projeto de longa no Recife e outro Salvador. Os que desenvolverei no Norte, a minha região, são segredos de estado.

Ascensor para o cadafalso (da invenção)

Um dos animadores de maior prestígio no país, Marão desenvolve novo longa, 'O Elevador', numa mistura de Robert Altman com Dias Gomes, filtrados por sua ironia abissal

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Chamado de “o Walt Disney de Nilópolis” e consagrado mundialmente como animador por ter participado de 694 festivais com seus 15 filmes, ganhando 131 prêmios com eles, Marão tem um longa-metragem novo no forno, em seu estúdio, de onde saíram joias como “Até A China” (2015) e “Bizarros Peixes Das Fossas Abissais” (2023). O título: “O Elevador”. Tem um cenário que sobe... e desce. A questão dramática é o que cai e o que transcende em seus usuários.

Marão explica: “Um elevador é o meio de transporte para todos irem a todos os lugares. Basta apertar a combinação de números do mostrador e o ascensor levará seu passageiro para o quinto andar ou para o trigésimo sexto andar. Basta apertar outra combinação de números e o elevador seguirá para outro prédio de outra rua de outra cidade. Ou para a praia de Copacabana, para o supermercado, para o Maracanã, ou para uma rua de Bonsucesso. Múltiplos personagens passarão pelo elevador e a narrativa acompanhará cada um deles em seus cotidianos, dramas e relacionamentos até o momento em que eles entram no elevador, quando a narrativa passa a seguir outro personagem desde o momento que ele sai do elevador até retornar para seu próximo trajeto. Todavia, um dia o elevador quebra”.

Essa produção, já em andamento, com previsão de lançamento para 2027, será realizada em animação 2D tradicional, desenhada à mão e finalizada digitalmente. Utiliza a técnica de full animation, pra fluidez e espontaneidade ao movimento. Apesar de retratar personagens naturalistas e problemas reais, o estilo adotado dará à narrativa um caráter cômico e adulto, estilizado e distinto do infantil.

“A proposta mistura o natura-



Sequência da animação 'O Elevador', do realizador Marão, em fase de produção

lismo do teórico teatral Stanislavski com o exagero da animação 2D dos anos 70”, antecipa Marão. “O projeto é autoral e quase autobiográfico, baseado não em relatos literais, mas

na veracidade dos sentimentos e memórias, onde realidade e lembrança se mesclam. A abordagem narrativa é surrealista, combinando diálogos naturalistas com situações absurdas

e exageradas, muitas vezes relacionadas ao personagem estrutural do filme: o elevador, a locação”.

O cineasta insiste que ele não é o personagem principal, mas, sim, a

estrutura em torno da qual circulam diferentes personagens cujas histórias se entrelaçam a partir de um defeito no equipamento. Cada um traz conflitos pessoais, compondo um mosaico coletivo.

“Tenho como referência o realismo fantástico de Dias Gomes misturado com algumas obras de Robert Altman, como ‘Short Cuts’, que entrelaçam núcleos independentes para criar um conjunto conceitual e emocional e construir o todo”.

“O Elevador” teve apoio do PRODAV para o desenvolvimento do projeto e o edital da RioFilme para a produção. “Este ano a (empresa) Coala se tornou coprodutora do longa e recebeu o apoio do PROAC. É minha primeira coprodução em toda a carreira”, comemora Marão. “A maior dificuldade de se fazer um longa-metragem animado no Brasil sempre é a combinação de orçamento com cronograma. Mais uma vez, estamos trabalhando com um orçamento que é proporcional ao valor de nove segundos de ‘Toy Story 5’. O valor total do nosso orçamento daria pra produzir 9 segundos do último longa da Pixar. Não dez segundos; apenas nove. Mas vamos fazer. A experiência do meu longa anterior, o ‘Bizarros Peixes das Fossas Abissais’ (e a lacuna dessa experiência) é justamente o gargalo entre uma produção e a outra. Criamos dinâmicas e logísticas de trabalho, inventamos formas de proceder que, pela nossa técnica 2D tradicional específica, não podiam emular outros estúdios brasileiros ou estrangeiros no longa anterior. Porém, pelo espaço temporal entre a finalização do ouro filme e o início deste, perdemos grande parte da equipe (que precisou buscar outros trabalhos) e consequentemente perdemos muito do que foi desenvolvido previamente. Cada etapa, até a definição da nomenclatura dos arquivos, faz uma diferença imensa em um projeto deste tamanho”.

Trabalho a pleno vapor para finalizar “O Elevador” para o ano que vem, Marão recorre à sua memória enciclopédica (no que diz respeito da produção animada nacional) a fim de faz um balanço do setor. É um balanço otimista.

“O Brasil produziu um pouco mais de 50 longas de animação em toda a sua história. E mais da metade desta lista nas últimas duas décadas. Outros cinquenta estão em produção atualmente. É o melhor momento desde 1917, data da primeira animação nacional. Estou ansioso para assistir ‘O Filho da Puta’, longa de animação adulta com a direção de Erica Maradona e Sávio Leite e Tania Anaya e Otto Guerra. Ao mesmo tempo, estou igualmente ansioso para ver esses tantos longas de nomes neófitos de regiões relativamente recentes na produção de animações nesta metragem. É um momento empolgante, que mescla nomes experientes com tanta gente estreante. Fico muito, muito feliz”.

Sob o signo do Leão... de Ouro



‘Ink’, reconstituição histórica sobre bastidores do jornalismo, abre o Festival de Veneza, que tem o Brasil na disputa com a coprodução ‘Retorno a Buenos Aires’, de Marco Bechis

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Gôndolas à vista. Mais um Festival de Veneza, o de número 83, vai começar, e a largada será na quarta-feira, com a projeção de A abertura da disputa pelo felino dourado deste ano ficará a cargo de “Ink”, de Danny Boyle. O cineasta inglês, ganhador do Oscar por “Quem Quer Ser Um Milionário?” (2008), tem em mãos o que pode ser seu maior sucesso desde “Steve Jobs”, de 2015.

Ambientado em 1969, seu novo longa-metragem acompanha a ascensão do magnata Rupert Murdoch, interpretado por Guy Pearce, e a transformação do tabloide “The Sun” num fenômeno editorial. Jack O’Connell, Claire Foy e outros nomes britânicos completam o elenco de um thriller sobre o papel do jornalismo impresso na História, inclusive na era da fake news.

Boyle entrou em concurso, o que nem sempre é praxe no evento italiano, comandado por Alberto Barbera, diretor artístico avesso a mimimis. Dois anos depois de servir como trampolim internacional para “Ainda Estou Aqui” (que nos deu o Oscar), Veneza volta a acolher a destreza do cinema brasileiro em sua competição oficial, mas numa coprodução com a Itália, com foco na Argentina. “Retorno a Buenos Aires”, novo exercício autoral do chileno (de ascendência italiana) Marco Bechis (“Terra Vermelha”) concorre ao Leão de Ouro na 83ª edição do evento, agendado de 2 a 12 de setembro, com a atriz e diretora Maggie Gyllenhaal como presidente do júri. Estrelado pelo italiano Adriano Giannini, o filme reúne Paula Cohen e Eduardo Hoy, do Brasil, em papéis de destaque, além das atrizes argentinas Ana Celentano, Vero Gerez e Olivia Nuss. Com três meses de pré-produção e quatro semanas de filmagens em território nacional, realizadas em Porto Alegre, fora outras três semanas em Turim, a fita consolida a atuação internacional da produtora brasileira 34 Filmes e a parceria com o cineasta paulista André Ristum (de “Meu País”), que já colaborou em diversos



Rupert Murdoch (Guy Pearce) e Larry Lamb (Jack O’Connell) viram manchete em ‘Ink’

CONCORRENTES AO LEÃO DE OURO

* **“Ink”** — Danny Boyle (filme de abertura)

* **“Company”** — Casey Affleck

* **“A Bit of Light”** — Ali Asgari

* **“Retorno a Buenos Aires”** — Marco Bechis

* **“A Good Little Soldier”** — Stéphane Brizé

* **“Il Fuoco Che Ti Porti Dentro”** — Edoardo De Angelis

* **“Woman Unknown”** — May el-Toukhy

* **“Bucking Fastard”** — Werner Herzog

* **“15/18 (A Place to Heal)”** — Cédric Kahn

* **“DAU”** — Ilya Khrzhanovsky

* **“Look Back”** — Hirokazu Kore-eda

* **“Possible Love”** — Lee Chang-dong

* **“Wild Horse Nine”** — Martin McDonagh

* **“Succederà Questa Notte”** — Nanni Moretti

* **“Primetime”** — Lance Oppenheim

* **“The Echo Chamber”** — Andrea Pallaoro

* **“A Bit Before Midnight”** — Nicolas Pariser

* **“L’Estranea”** — Paolo Strippoli

* **“Mr. Nelson, Did You Kill People?”** — Shinya Tsukamoto

* **“Bunker”** — Florian Zeller

projetos anteriores.

Em “Retorno a Buenos Aires”, o personagem central, Mariano Guerra (Giannini), é chamado a retornar à Argentina para testemunhar no julgamento dos militares que o sequestraram e torturaram durante a ditadura militar — a mesma que, em 1978, organizou a Copa do

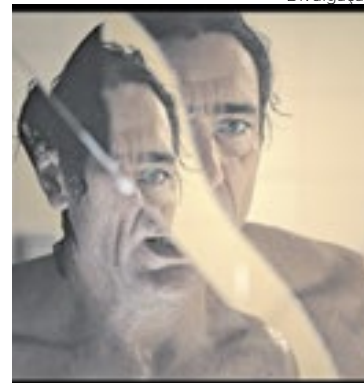
Mundo de Futebol enquanto o país vivia sob uma repressão clandestina. A história dialoga diretamente com a trajetória do próprio Bechis, que foi preso político durante a ditadura argentina, vivência que marca sua filmografia e confere ao longa um caráter testemunhal. O encerramento das filmagens coincidiu

Diego Araya Corvalán/Searchlight Pictures



Wild Horse Nine

Divulgação



Retorno a Buenos Aires

elenco de Alessandra Tosi, o figurino de Coca Serpa, a produção executiva de Ristum e Patrick de Jongh e o trabalho do line producer Beto Rodrigues.

Estaremos ainda na seção veneziana Semana da Crítica, com “London”, escrito e dirigido por Victor Di Marco e Márcio Picoli. Seu roteiro fala de um jovem com deficiência que ganha a vida fazendo performances eróticas em uma casa de fetiches. Na mostra Spotlight, a RT Features, de Rodrigo Teixeira, aparece com “Furies”, de Rami Koteih, rodado no Líbano.

Para além de suas iguarias sul-americanas, o Lido receberá novos trabalhos de mestres da imagem como Werner Herzog, Hirokazu Koreeda, e Lee Chang-dong, numa seleção em que predominam produções independentes, ainda que estreladas por grandes nomes de Hollywood. Entre os favoritos, desponta “Wild Horse Nine”, de Martin McDonagh, cineasta que retorna a Veneza após lançar no festival “Três Anúncios para um Crime” e “Os Banshees de Inisherin”. A comédia dramática acompanha agentes da CIA enviados à Ilha de Páscoa pouco antes do golpe militar chileno de 1973 e reúne John Malkovich, Sam Rockwell, Steve Buscemi, Tom Waits e Parker Posey. Outro título cercado de expectativa é “Bunker”, de Florian Zeller. Depois de “The Son”, o dramaturgo e cineasta francês dirige Javier Bardem e Penélope Cruz num thriller psicológico sobre um misterioso abrigo subterrâneo construído por ordem de um magnata da tecnologia. Muito se espera do documentarista Lance Oppenheim em sua estreia na ficção com “Primetime”, protagonizado por Robert Pattinson. O vilão de “A Odisseia” (cuja bilheteria está nas raías de US\$ 1,5 bilhão) vive um jornalista que se embrenha no submundo do crime para expor um predador sexual, num ato de coragem que gerou uma transformação na abordagem da pedofilia na televisão americana.

Um dos mais festejados concorrentes dessa leva é Nanni Moretti, que rompeu laços com Veneza nos anos 1980 e volta agora com apresenta “Succederà Questa Notte”, inspirado livremente em contos do escritor israelense Eshkol Nevo. Seu elenco tem Louis Garrel e Jasmine Trinca.

Fora da competição, Veneza mantém uma programação repleta de atrações. Entre as ficções, destacam-se “Father Joe”, thriller de ação escrito por Luc Besson e estrelado por Kiefer Sutherland e Al Pacino; “The Basics of Philosophy”, novo drama existencial de Paul Schrader; “Place to Be”, de Kornél Mundruczó, com Ellen Burstyn, Taika Waititi e Pamela Anderson; “Arrested Memory”, comédia policial do japonês Sabu; além de “No Paradise if You Are Killed by a Woman”, do curdo Halkawat Mustafa. O encerramento da mostra ficará com “Dio Ride”, de Giovanni Veronesi.

O legado de Belchior segue

Em seu álbum, ‘Meu Nome é Cem – Parte 1’, a cantora Vannick Belchior atualiza a obra de seu pai

AFFONSO NUNES

Nos últimos anos de vida, Belchior se afastou de tudo o que construiu. Deixou para trás uma carreira de sucesso, passou por cidades do Sul e do Uruguai e recusou convites para shows e novos discos. Parecia querer romper com a própria obra... Não conseguiu. Suas canções continuaram a circular, ganharam intérpretes, voltaram aos palcos e se mantiveram na memória de quem cresceu com elas. Família, fãs e músicos cuidaram desse repertório enquanto seu criador escolhia desaparecer.

Agora, às vésperas dos 80 anos de seu nascimento, Vannick Belchior assume uma parte dessa herança sem se limitar ao mero tributo. Em “Meu Nome é Cem – Parte

1”*, que chega às plataformas em 4 de setembro, ela aproxima do rapper Don L e do compositor Renato Teixeira e procura fazer o legado do pai conversar com o presente.

O álbum reúne seis faixas. Don L participa de “Meu Cordial Brasileiro”, enquanto Renato Teixeira divide com Vannick uma nova leitura de “Tudo Outra Vez”. Na faixa-título, já divulgada, ela trabalha com o produtor Rick Ferreira.

Renato Teixeira foi amigo e parceiro de palco de Belchior; Don L, também cearense, traz para o disco uma voz marcada pela crítica social e pela observação urbana tão pesantes na obra do bardo.

“Meu Cordial Brasileiro” parte da denúncia dos problemas sociais cíclicos, das aparências e das relações de poder. “Quando penso em denúncia e genialidade atual, penso no Don L”, afirma Vannick. “Ele é da minha cidade e tem um posicionamento po-



A cantora cearense Vannick Belchior abraça a obra de seu pai com olhar sobre o presente

lítico e musical fortíssimo.” A cantora aproxima a crítica ao “poder amargo” sobre o cidadão comum” de uma perspectiva contemporânea.

Em “Tudo Outra Vez”, o caminho é outro. A presença de Renato Teixeira vem da proximidade humana e artística dele com Belchior. “A música conversa com a simplicidade humana e com uma poesia rebuscada, algo que se conecta muito com a

obra do meu pai”, diz Vannick. Para ela, as histórias que Teixeira contou sobre essa amizade ajudam a “eternizar ainda mais essa canção”.

O disco expande o universo da faixa-título “Meu Nome é Cem”. A canção usa a figura de um artista circense e a metáfora de um cidadão invisibilizado para falar da precariedade da arte no Brasil. O tema encontra eco na obra de Belchior,

compositor que tratou de deslocamento, trabalho, desejo e desencanto sem se curvar às reverências.

Vannick já se aproximara desse repertório em projetos como “Das Coisas que Aprendi nos Discos” e “Concerto à Palo Seco”. No novo trabalho, assina a curadoria de repertório e tenta sustentar uma voz própria num território inevitavelmente ocupado pela memória do pai.

CRÍTICA DISCO | OGUM DE RONDA

POR AQUILES RIQUE REIS*

Hoje trataremos do Duo Orimã, que lança o terceiro e último single de uma trilogia musical dedicada à ancestralidade afro-brasileira. Iniciado em abril e agora concluído, o trabalho merece ser ouvido em todo o seu esplendor histórico/musical.

O Orimã é integrado por Lu Starzynski e Nando Altenfelder, pesquisadores da música brasileira que, através das vozes e da percussão, unem suas trajetórias as do baixista, produtor e engenheiro de som Renato Cortez para buscar a sonoridade baseada em seus saberes confirmar a concepção original.

Ouvir “Ogum de Ronda”, impregnada pelas raízes do samba de roda e do ijexá; “Zumbi Bará” e “Dio Zambi”, duas músicas que, ajuntadas, marcaram o duo, que as percebem em rara sintonia; e “Sou Yabá”, com a levada mágica

de samba-reggae, é como dar um mergulho profundo na alma mística do povo brasileiro. A força das vozes, somadas ao som ritualístico dos tambores, surpreende ao também se valer, eventualmente, do som de sintetizadores e do contrabaixo – energia total.

Ao gravar essas três composições que refletem o vigor dos orixás, a ancestralidade dos Pretos Velhos e o tributo à potência feminina das Yabás, a trilogia faz uma formidável viagem pelo Brasil de todos os deuses, de todas as crenças: a cara do Brasil sincrético.

Unindo ancestralidade à contemporaneidade, a memória vem à tona e revela o que somos, de onde viemos e o que queremos. A espiri-



Divulgação

tualidade aflora, agregando ousadia às raízes que nos representam.

Dessa forma, tal alcance musical também induz à reflexão, aquela que, graças ao passado que ajuda a enxergar o futuro, demonstra quem somos e do que precisamos: respeito

ao Estado Democrático de Direito, um Brasil soberano, com liberdade de crença e respeito às minorias, sem violência contra as mulheres, sem fome, sem miséria e sem guerras imperialistas.

Ouçe as faixas e veja as fichas técnicas:

1º) “Ogum de Ronda” (Roque Ferreira e Paulo César Pinheiro) https://youtu.be/TRR8joggL5g?si=_9Ljpp_toggOIwLW. Arranjo: Duo Orimã; voz: Lu Starz; vozes (introdução): Leandro Perez, Lu Starz e Nando Altenfelder; teclado: Lu Starz; percussão: Nando Altenfelder e Leandro Perez; sons sintetizados: Nando Altenfelder; contrabaixo elétrico: Renato Cortez; mixagem e mas-

terização: Renato Cortez; foto: Rogério Cavalcanti; arte da capa: Lari Lima.

2º) “Zumbi Bará” e “Dio Zambi” (Rafael Alterio, Celso Viáfara e Paulo César Pinheiro). <https://youtu.be/tMZ1lTusLoU?si=y8R-nfVC13smVWIHP>

Arranjo Duo Orimã; voz: Lu Starzynski; percussão e voz: Nando Altenfelder; mixagem e masterização: Renato Cortez; foto: Rogério Cavalcanti; arte da capa: Lari Lima.

3º) “Sou Yabá” (Luiza Lian) <https://youtu.be/J9DP5y-dZdA?si=XY6RFy8qFvg7F0sk>

Arranjo: Lu Starzynski e Nando Altenfelder; voz e teclado: Lu Starzynski; percussão Nando Altenfelder; baixo elétrico: Renato Cortez; mixagem e masterização: Renato Cortez; foto: Rogério Cavalcanti; arte da capa: Lari Lima.

*Vocalista do MPB4 e escritor

CORREIO CULTURAL



Reprodução

Michel Foucault, filósofo francês

Teoria de Foucault para explicar as redes

Por que as redes sociais parecem saber tanto sobre nós? Quem decide o que aparece — e o que desaparece — na nossa tela? Por que estamos tão dispostos a expor nossa intimidade? E onde estão as possibilidades de liberdade em um mundo cada vez mais conectado, monitorado e orientado por algoritmos? Essas são algumas das perguntas que podem ajudar a trazer o pensamento de Michel Foucault para bem perto da vida cotidiana. Para

marcar os 100 anos do nascimento do filósofo francês, o Rio recebe de segunda a quarta (31/8 a 2/9) o Colóquio Internacional “Qual é a ironia do dispositivo hoje? Sujeito, poder e desejo”, na Acaso Cultural, em Botafogo. Com entrada gratuita, o encontro reúne pesquisadores do Brasil, América Latina e Europa para discutir redes sociais, algoritmos, desejo, comportamento, vigilância, produção da verdade e novas formas de controle.

Ler teatro

A partir desta terça (1), a Rocio Produções promove o ciclo “Medeias”, dentro do projeto “Ler Teatro”. São cinco encontros, das 19h às 21h, em formato híbrido, presencial em Petrópolis (RJ) e on-line para participantes de qualquer lugar do Brasil, dedicados à tragédia “Medeia”, de Eurípides, e a duas releituras brasileiras do clássico: “Gota d’Água”, de Chico Buarque e Paulo Pontes, e “Mata teu pai”, de Grace Passô.

Projetos aprovados

A 14ª edição da Bolsa ZUM/IMS escolheu os artistas Rafael RG e Uýra para desenvolver projetos inéditos de pesquisa e criação. Cada um receberá R\$ 80 mil, com orientação da área de Arte Contemporânea do IMS e parte dos resultados será incorporada à coleção do instituto.

Ney na estrada

Ney Matogrosso vai fazer dez shows grandiosos pelo Brasil no ano que vem. O artista anunciou a turnê “85 Anos de Ousadia”, com apresentações em cinco capitais. A excursão, que acontecerá ao longo de 2027, está marcada para estreitar em janeiro, em São Paulo, no Nubank Parque.

Em defesa da Palestina

Roger Waters (foto), ex-líder do Pink Floyd, e Annie Ernaux (Nobel de Literatura) estão entre os signatários de carta que pede que a organização do Festival de Veneza declare apoio à população palestina. A carta, elaborada pelo coletivo Venice4Palestine (V4P), convoca o festival e profissionais do setor a tomarem medidas concretas em apoio à Palestina.



Divulgação



Divulgação

Na Na trama de ‘O Formigueiro tudo acontece em um único dia, durante o reencontro de três irmãos para os preparativos do almoço de aniversário da mãe, que está nos estágios finais da doença de Alzheimer

Acerto de contas em dia de festa

Em cartaz no Teatro dos 4, drama de Thiago Marinho reúne mãe e filhos numa casa atravessada pelo Alzheimer, segredos e disputa de poder

Uma família se reúne para preparar o aniversário da mãe e descobre que nenhuma celebração começa do zero.

Em “O Formigueiro”, texto e direção de Thiago Marinho, três irmãos voltam à casa de Gilda, já nos estágios avançados de Alzheimer, carregando pendências que o convívio havia deixado em suspenso. A chegada de Cláudio Márcio, marido de uma das irmãs, procurado pela polícia após um escândalo de corrupção, desloca a reunião doméstica para uma zona mais instável: o almoço deixa de ser protocolo e se torna um campo de confronto.

Em temporada no Teatro dos 4, na Gávea, a montagem trabalha com uma premissa reconhecível sem se reduzir ao diagnóstico que a aciona. O Alzheimer é parte decisiva da trama, mas não funciona como atalho para a emoção. A doença altera a organização da casa e expõe as perguntas que uma família costuma adiar: quem passa a decidir, quem cuida, quem assume o poder quando a figura central perde a capacidade de conduzir a própria rotina. Marinho organiza esse movimento em torno de Luiz, Joana e

Victor, irmãos que entram em cena com afetos, ressentimentos e versões incompatíveis da mesma história.

Na formulação do autor, a família pode ser lida como um formigueiro: uma estrutura com funções, hierarquias e uma liderança que parece natural até o momento em que deixa de existir. Quando a mãe perde esse lugar, a ordem se desarranja, e os filhos precisam negociar não apenas a logística do cuidado, mas a memória daquilo que foram uns para os outros. A imagem evita transformar os personagens em casos exemplares. Cada um carrega seu próprio ponto cego; ninguém se apresenta como inocente ou inteiramente culpado.

O elenco reúne Diego de Abreu, Lucas Drummond, Roberta Brisson e Rodrigo Fagundes. Conhecido por trabalhos de humor, Fagundes encontra em Luiz uma zona de fragilidade que não dispensa a comicidade. A combinação foi reconhecida em março, quando o ator recebeu o Prêmio do Humor, na categoria Performance, pelo papel em “O Formigueiro”. A distinção diz respeito à atuação de Fagundes, não a um prêmio concedido à montagem como um todo — precisão importante para uma peça que usa o

humor menos como fuga do drama do que como mecanismo de sobrevivência dentro dele.

O texto marca a estreia de Thiago Marinho como autor solo. Com supervisão artística de João Fonseca, o espetáculo constrói uma comédia dramática em que as revelações não chegam para organizar a casa, mas para embaralhar ainda mais as posições de cada personagem. A corrupção associada a Cláudio Márcio amplia o alcance do conflito, sem tirar o centro da sala de estar: é ali que as relações se desfazem e se recompoem, na proximidade entre irmãos, cunhados e uma mãe cuja presença organiza a cena mesmo quando sua fala já não sustenta a ordem anterior.

Essa escala íntima explica parte da força da proposta. O Alzheimer costuma aparecer no palco como emblema de perda; “O Formigueiro” desloca o foco para quem permanece ao redor da pessoa doente e precisa lidar com a transformação dos vínculos. A doença não apaga apenas lembranças: altera a distribuição de responsabilidades, reabre feridas e torna visível uma desigualdade antiga na maneira como cada membro da família exerce cuidado, controle ou ausência. A peça encontra humor nesses impasses, mas não os alivia por completo.

SERVIÇO

O FORMIGUEIRO

O Formigueiro”
Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º piso)
De 31/8 a 28/9, segundas-feiras (20h)
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

CRÍTICA

RESTAURANTES | TARI

Cozinha de alto nível

sem sabores fáceis

PRISCILA PASTRE
Folhapress

Tem restaurante que não é para qualquer paladar. Fiquei pensando nisso durante o almoço no Tari. Aberto em julho, imaginei que a casa ainda estivesse acertando os passos na cozinha.

Meus planos mudaram logo que chegou a entrada. Era tão bonita que tive a sensação de que nem precisaria prová-la para saber que era boa. Olhar para os corações de pato malpassados sobre acelga fermentada, queijo meia-cura, maionese de avocado e pão de fermentação natural já era um prazer. Mas, claro, comi.

Quatro unidades, cada uma com três metades de corações carnosos, rosados, úmidos, firmes e macios que passam por um susto na brasa. O suficiente para agregar um leve defumado, mas não para disfarçar o sabor marcante. O kimchi entra com uma picância moderada. E o pão, macio, suaviza o conjunto. Em duas pessoas, dá para pedir só essa entrada e partir para os principais.

Foi bom, aliás, constatar que o cardápio traz pratos individuais,



Polvo com nhoque, molho romesco e chorizo espanhol

algo raro nos restaurantes autorais da cidade. Eu poderia escolher o que me falasse mais às papilas e degustá-lo sozinha, sem ter de compartilhar ou pedir várias pequenas porções. Optei pelo polvo (R\$ 123) com nhoque, molho romesco e chorizo espanhol.

Cozido por cinco horas em

baixa temperatura, chegou na textura perfeita. No início, tive dúvidas quanto ao molho à base de pimentão vermelho que acompanha o nhoque. Talvez porque esperasse um sabor muito marcado, mas era surpreendentemente suave. Assim, o polvo não perdeu protagonismo. A maciez dele junto à

do nhoque quase deixou o prato monótono. Mas a presença de pedacinhos de chorizo se encarregou de um pequeno contraste que fez a diferença.

Provei também o matambre suíno (R\$ 99). No ponto correto, a carne grelhada na brasa recebe um untuoso jus de suã à mesa, pre-

parado a partir do corte suíno que fica junto à espinha dorsal. Um prato bem equilibrado, mas sem surpresas.

Diferentemente da sobremesa. O creme de queijo mascarpone e banana (R\$ 45) é bem diferente do que eu imaginava. Para começar, a banana só se faz presente em notas discretas que remetem a uma compota da fruta. Em cima do creme, o que chega é uma granita de frutas vermelhas. Simples e leve, dá uma geladinha na boca e empresta leveza ao mascarpone. Um crocante de quinoa entra com textura e dulçor.

Dá para notar a influência peruana na cozinha do chef Sergio Suslick Mortara, especialmente nas entradas, caso do ceviche (R\$ 97) e do tiradito de peixe (R\$ 79). Se você gosta de refeições para compartilhar, dá para ficar só nessa parte do menu.

O almoço no Tari foi uma delícia. Mas não dá para recomendar para qualquer paladar. É preciso estar preparado para o cardápio que provoca e que não entrega sabores fáceis em receitas que aconteçam. Vai entregar gastronomia de alto nível, feita para paladares iniciados ou que queiram aumentar seu repertório.

SERVIÇO
TARI
Rua Girassol, 130, Vila Madalena, São Paulo
Quarta a sexta (19 às 23h),
sábados (12h às 16h | 19h às 23h) e domingos (12h às 16h)
@tarirestaurante

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Boali estilo saudável

A Boali inaugurou nova unidade no Shopping da Gávea, com proposta inspirada nas lojas de rua. No cardápio, bowls, saladas, wraps, burritos, sanduíches e bebidas funcionais. Entre os destaques estão o Da Fazenda, o Tex Mex e o Aloha Poke Boal, com opções de frango, carne e salmão. Para a turma das saladas, há opções como a Honey Crispy, além da possibilidade de montar o próprio bowl. Nos wraps e sanduíches, destaque para o Surf Salmon, Sanduba Parmegiana e Cheese Steak.



Happy hour em Laranjeiras

O Maya Café, em Laranjeiras, estreia a Seleção da Noite, uma programação fixa de happy hour, de segunda a quinta, das 18h às 20h, com uma seleção diferente de drinks para saborear a cada dia. Confira: às segundas-feiras, a jarra de 1,2L de Clericot sai por R\$ 69. Nas terças, a segunda taça de vinho é por conta da casa. Às quartas é dia de Mimosa, duas taças por R\$ 24. E nas quintas, quem pede Gin Rocks ou Aperol Spritz ganha o segundo drink de cortesia.



Peixoto, do mar à brasa

O chef Ricardo Lapeyre acaba de abrir o Bar Peixoto, em Copacabana, dedicado aos sabores do mar. Na Rua Anita Garibaldi, a casa aposta em pescados do litoral carioca, preparados inteiramente na brasa. O menu valoriza peixes frescos, ostras e petiscos, em uma cozinha simples e cheia de sabor. Entre as pedidas, destaque para o vinagrete de polvo e as lascas de pargo na brasa. Em soft opening, o bar chega para somar novas opções à cena gastronômica.

SEGUNDA NO 2

por
**FERNANDO
MOLICA**

Engasgos ocultos atrás de portas e janelas fechadas

De volta aos pequenos contos, a escritora Alê Motta faz em “Pequenos engasgos” (Faria e Silva) uma espécie de jogo. Espalha, ao longo das páginas, histórias com diferentes personagens que, no entanto, parecem caminhar de mãos dadas, a ponto de quase forjarem um romance.

O novo livro caminha como seu “Velhos”, de 2001, em que entrelaça episódios relacionados ao tema geral exposto no título. Agora, porém, as ligações são menos explícitas, ainda que delineadas pelas fotos que exibem detalhes de fachadas de casas.

Imagens que encaminham sensações contraditórias. Instigam a imaginação do leitor, estimulam a vontade de saber o que se passa dentro daqueles lugares, mas, ao mesmo tempo, tentam impedir que se saiba o que se passa por lá — portões e janelas permanecem fechados.

O mesmo processo se repete na aparente falta de correspondência entre os nomes dos contos e o conteúdo de cada um deles. Os títulos, secos como comentários de vizinhos mal-humorados, são enigmáticos ou ressaltam aspectos quase sempre pejorativos de imóveis (portão enferrujado, casa velha e abandonada ou em mau estado de conservação).

Em tese — nada é definitivo —, é por lá que moram homens e mulheres meio esquisitos, igualmente trancados, cheios de segredos, muitas vezes cruéis, alguns capazes de crimes terríveis. Nunca sabemos o que se passa dentro daquelas paredes que nem sempre chamam a nossa atenção quanto andamos pelas ruas, hoje povoadas de ameaças.

Os poucos parágrafos de cada história permitem um rápido e sempre impactante



Depois do romance “Minha cabeça dói”, Alê Motta lança o livro de contos “Pequenos engasgos”

A trajetória dos personagens revela que o perigo maior não está na esquina, mas dentro de casas que sequer parecem abrigar vidas.

olhar, como se passássemos pela calçada no momento em que uma porta é inadvertidamente aberta.

A trajetória dos personagens revela que o perigo maior não está na esquina, mas dentro de casas que sequer parecem abri-

gar vidas. Há assassinos sem causa, amores sequer tentados e parados no ar, mortes comemoradas, matadores disfarçados, crimes insinuados, casal feliz que prejudica o movimento de uma farmácia.

Arquiteta, Alê traça personagens e paredes que se mostram inviáveis e ilógicos, como projetos incapazes de ficar de pé. Pessoas que indicam virar à direita e seguem pelo lado oposto, que dão meia volta ou que, de maneira mais simples, ficam estáticas, esperando um inevitável desabamento do teto sobre suas cabeças.

A angústia, o desalento e a falta de perspectivas dos com-teto é, porém, quebrada por um narrador que, acompanhado de seu vira-latas, Pelé, é obrigado a ir para um lado e para o outro, expulso de suas moradias improvisadas, como a saudosa maloca, um canto arranjado num posto de combustíveis. Seu local preferido ficava sob

um determinado ponto do letreiro que anunciava os serviços lá prestados durante o dia:

“Pneus, Balanceamento, Alinhamento, Ar-Condicionado. Tudo virou lixo.

Eu gostava da porta Pneus. As letras vermelhas, gordinhas e brilhantes.”

Ele e o cão são os únicos personagens que retornam ao livro, estão presentes em quatro contos. No segundo, o narrador conta a morte do colega que dormia em frente à porta Balanceamento; no terceiro, trata do destino igualmente trágico da mulher que passava as noites sob a palavra Alinhamento.

Na última história, revela seu passado e indica o porquê do nome de seu cachorro. Apesar das tantas desventuras, não transpira amargura, fica feliz por ninguém saber quem ele é. Não sabe se ainda tem casa, mulher, filhos e netos. Está numa praia, sem teto, sem paredes, nada mais pode cair sobre ele.